

Poema Bara – Inverso

O inverso da vida é a morte
e na morte é o tempo
e do tempo é a sorte
e da sorte o nada
e do nada o reverso
e o reverso o fogo
e do fogo; o fogo Bara

São as incompletudes
é a luz relativa
das idas e vindas
das estradas perdidas
dos becos em outros becos
das encruzilhadas em outras cruzas
das dores em mais mais dores e
do leite mais leite
de soma alegria
em noites mais noites
e em todas, madrugadas

São os lados incertos
de outros incertos; certos
é o sol do quadrante
é a ponta o sul, no desespero do meio
são os poetas de pretos
e mais brancos em outros negros
nascendo brancos-negros-mulatos

É o silêncio do vento
é o silêncio das folhas
o silêncio profano
é a noite que esfria
pombas giras-exús
em têz, sem enrrugas
sem estrelas e sem céis

É a garrafa vazia
em cima da mesa
é a lamparina sem óleo
é o terno preto
em outros ternos brancos
é o charruto apagado
é o copo vazio em saliva
e desta; um gole
de outro goles; salivas
descendo, molhando a garganta
outros goles de mais outros
de outras secas gargantas
de secas; securas

É a pomba que chega
tentando aquecer
é vestido vermelho
que também se procura
que também não se acha
mas que se perfuma
e que outra vez se procura
e que outra vez não se acha
com a rosa vermelha
bem defronte de corpo
de frente seios; espelhos

São as curvas mandingas
de mandingas, faceiras
de faceira seduz
e como seduz
é o tom de vermelho
no freguês que partiu
é o desejo na dança
encantando a sombra
que dos brancos cigarros
movimenta suas saias
de outras saias vestidos
de mais vestidos abertos
e de corte os seios despertos
e dos recortes,
um corpo e de outros corpos
um nú.

É o corpo contorno
de contorno o perfume
do perfume a noite
da noite belezas
de giras que brilham
no calor da fogueira

E assim é,
e assim continua
pois em toda noite têm um santo e
todo santo um pecado
todo pecado um refrão
todo refrão tem um tom
e de tom em tom
nasce a canção-oração

É o redimido
é o morrido encarnado e lá
é a palha das costas
na corrente do tempo
criando negreiros
vindos do toco
vindos da cruz
da terra esperança
no couro africano
das mãos calejadas
e em ferramentas
um velho
e ao mesmo tempo velho
novo-velho; orixá

É o lamento Bara
na composição
é a vida
da vida outra vida
ambas excluídas
pelas palmas, palmares
em jesuítas mãos,
de outras mãos; calvários

E no orvalho do dia
a ferida esquecida
é o fim do começo
é o começo do nada
do nada o todo
do todo, é vida

É o canto que canta e
em gemidos encanta
o solo esquecido
e assim redivivo
outro tempo acordado
é a esperança do cá
que reencarnou lá
é a nova esperança
esperança; acolá

Tudo isto não se explica
na poesia da vida
mas do inverso esquecido
já se têm nascido
e ao mesmo tempo re-esquecido
as vidas
em outras vidas
formando mais novas vidas
em encantos Baras.

Roger Lima